



Manuel J. Gandra ©

**OS TEMPLÁRIOS E O TEMPLARISMO
NA LITERATURA PORTUGUESA**
e traduzida para português
(século XIV - 2006)

Eis, leitor, o catálogo de um compêndio de histórias em torno de um tema histórico que concita a curiosidade de um público cada vez mais vasto. Com efeito, raros foram os dramas humanos que, tal como aquele protagonizado pela Ordem do Templo, suscitaram paixões tão díspares, contraditórias e persistentes.

A copiosa bibliografia, antiga e moderna, disponível, apesar de nem sempre imaculada, constitui indício seguro da perenidade se não do ideário templário, pelo menos da inquietação que enigmas nunca cabalmente esclarecidos, como o do seu lendário tesouro ou do misterioso ídolo que alegadamente adoravam, tem persistido em alimentar ¹.

A possibilidade da sobrevivência da Ordem após a sua suspensão canónica, em 1308, também não é questão dispicienda. A avaliar pela profusão de sociedades, umas discretas, outras secretas, que se reivindicam herdeiras do Templo, essa parece ter-se tornado, pelo menos desde o século XVIII, pretexto bastante para a reinvenção de inauditos ritos iniciáticos, creditados, de forma quase sempre anacrónica, aos Templários.

Tais constatações são verídicas também para Portugal.

Porém, o público não dispendo aqui de alternativas credíveis (uma vez que são raros os investigadores independentes e os académicos que não fogem do assunto, como se diz que o diabo foge da cruz), é compelido a consumir produtos importados, invariavelmente de qualidade duvidosa. Acresce a tudo isto a desvantagem adicional de, geralmente, esses produtos ignorarem, omitirem ou subvalorizarem o papel da Ordem de Cristo, autêntica sucessora e herdeira do Templo, cuja práxis e projecto adoptou, nacionalizando-os ².

A negligência e a deserção por parte dos especialistas nacionais tem, por outro lado, facilitado a adopção, bem como a implantação de um elevado número de elucubrações fantasiosas e infundadas, produzidas ora por franco-atiradores, ora por dignatários ou simples filiados em associações neotemplárias portuguesas ou transnacionais.

De facto, salvo algumas monografias e contributos pontuais com direito a destaque ³, as Ordens do Templo e de Cristo não conheceram ainda quem, numa perspectiva global, sistemática, sustentada (quer tradicional, quer documentalmente) e lusíada se aventurasse a resgatar a sua história, projecto, praxis e património.

A utilidade do empreendimento chegou a merecer, convém recordá-lo, o reconhecimento de autoridades como Pedro A. de Azevedo ou Jaime Cortesão, o qual

¹ O único estudo, em vernáculo, acerca da inquirição instaurada em França pelo Santo Ofício aos templários, saíu da pena de Vieira de Azevedo (*O Processo dos Templários*, Porto, 1947).

² Donde a pertinência da designação de Ordem Templária de Portugal, proposta por Fernando Pessoa. O Infante Dom Henrique logrou reaver para a Ordem de Cristo a maior parte das prerrogativas e privilégios que haviam sido apanágio do instituto militar que Clemente V condenara ao limbo.

³ Frei Bernardo da Costa, Visconde de Condeixa, Vieira Guimarães, Sousa Viterbo, António Baião, Laranjo Coelho, Garcez Teixeira, Manuel da Silva Castelo Branco, Álvaro Barbosa, Isabel Morgado de Sousa e Silva e Pinharanda Gomes contam-se entre os poucos nomes que importa reter.

sublinharia ainda a necessidade de conduzir tal estudo ponderando o quanto do tesouro templário (espiritual, mas também material) terá sido investido na preparação e concretização da expansão marítima, bem como na consolidação do Império português.

Com esse desiderato em mente dedico-me desde há cerca de vinte e cinco anos à pesquisa dos testemunhos templários e templaristas na história e na cultura lusas. Em vários escritos ⁴ e comunicações orais, conferências e visitas guiadas tenho vindo a abordar aqueles que considero os aspectos mais relevantes dessa herança, com a convicção de que estudá-la, divulgá-la e, finalmente, assumi-la constituem condições *sine qua non* para a efectiva compreensão das condições subjacentes ao advento do estado português ⁵, mas igualmente das circunstâncias que poderão ter condicionado o movimento da sua história, concitando o respectivo destino, ainda incompletamente cumprido, consoante a avisada intuição do poeta.

O fruto do supracitado labor tomará a forma de um *Guia Templário de Portugal*, cujos dois primeiros de quatro volumes viram a luz sob os títulos *Os Templários na Literatura* (Lisboa, 2000) e o *Projecto templário e o Evangelho Português* (Lisboa, 2006), respectivamente.

Não é o presente catálogo mais que um índice, provisório (porquanto incompleto, como todos os catálogos bibliográficos), mas precursor no seu género, dedicado ao exclusivo recenseamento ⁶ e antologia da produção literária centrada na Ordem dos Pobres Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo ⁷.

Pretendo, deste modo, facultar, a curto prazo, o acesso a um acervo (consulte quadro anexo) organizado, apresentado e comentado de acordo com uma metodologia desinibida e sistémica, a qual presidirá ao tratamento de toda a informação veiculada. Independentemente das expectativas do leitor, essa circunstância será uma garantia de seriedade, além de possuir a vantagem óbvia de contribuir para dissuadir da sua pulsão efabulatória os hermeneutas oportunistas e os vendilhões do Templo.

⁴ Cf. *Tomar na Gesta das Descobertas*, (Catálogo de Exposição), Tomar, 1992; *Os Templários*, in *Portugal Misterioso*, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 1998, p. 296-355 e *Regra Primitiva da Ordem do Templo* (tradução, introdução e notas), Mafra, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, 1998.

⁵ Ambos, a Ordem do Templo e Portugal remontam ao ano de 1128.

⁶ Critérios seguidos no tocante à organização formal do índice bibliográfico: 1. Regista-se, sempre que possível, a 1ª impressão na língua original e, na falta ou desconhecimento desta, a versão consultada da obra em apreço; 2. Cada entrada consiste na descrição do rosto da versão examinada; 3. É conservada a ortografia original.

⁷ Principais bibliografias genéricas respeitantes ao tema: Georg Kloss (*Bibliographie des Freimaurerei*, 1844), Dessubré (*Bibliographie de l'Ordre des Templiers: imprimés et manuscrits*, 1928), H. Neu (*Bibliographie de l'Ordre du Temple*, 1965) e Laurent Dailliez (*Bibliographie du Temple*, 1972). Todas enfermam do mesmo defeito: desconhecimento total ou parcial de autores e obras portuguesas ou relativas a Portugal. Contributos para essa bibliografia: Henrique de Campos Ferreira Lima (*Ensaio bibliográfico da Ordem de Cristo*, in *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, v. 1, tomo 1, 1934, p. 97-108), Alfredo Mota (*Bibliografia da Ordem de Cristo*, *idem*, v. 2, Jun. 1950, p. 225-226) e Juan de Ávila Gijón Granados, *La bibliografía de la Orden Militar de Cristo (Portugal): del manuscrito al soporte electrónico*, in *Via Spiritus*, n. 9 (2002), p. 349-428.

ROMANCE HISTÓRICO e PROSA NOVELÍSTICA

▶ ANÓNIMO

A Torre do Templo

In *Archivo Popular*, v. ??? (18??), p. 204-205

▶ ASENSI, Matilde

Iacobus

Plaza & Janés, 2000

Tradução do castelhano: *Iacobus: romance histórico*, Lisboa, Esquilo, 2002

▶ BARBARA ESCRAVA (pseud. Yvette Centeno)

As Muralhas (6ª edição)

Lisboa, Eetc., 1986

Tomar é um dos cenários da acção e os templários um dos pretextos da trama. Reed. in *Os Jardins de Eva* (Lisboa, Asa, 1998).

▶ BARBET, Pierre

Baphomet's Meteor

Londres, Daw Books, 1972

Tradução portuguesa de Eurico da Fonseca: *Os Cruzados do Espaço* (Lisboa, Livros do Brasil, 1979) [BN: L 72385 P].

▶ BRAK-LAMY, José

O Pupilo de Gualdim Pais

in *Ecos de Tomar* (17 Jun. 1923)

Novela Histórica.

▶ BRAMÃO, Alberto Alen Pereira de Sequeira (1865-1944)

O Cavaleiro de Cristo

Desconheço o teor deste escrito, o qual, suspeito, nunca passou do manuscrito.

▶ C., J. P.

O cavalleiro do Templo

In *A Gazeta do Algarve*, 19 Mai., 2, 9, 16 e 23 Jun., 14 Jul. e 18 Ago. 1875

Avento a possibilidade de J. P. C. não ser apenas o tradutor, mas o próprio autor deste conto, uma vez que não logrei encontrar qualquer original que lhe corresponda.

► CASTELO BRANCO, Camilo

Dois Santos não beatificados em Roma

In *Duas Horas de Leitura*, Porto, 1857 (ed. António Moutinho de Sousa)

Interessa o cap. II: *Por causa de um hábito de Cristo*. O protagonista da narrativa dá pelo nome de Januário Pires de Miranda, alferes da 4ª legião, interveniente na batalha do Bussaco, na sequência da qual é agraciado com o hábito de Cristo. Protagoniza um drama porquanto impede o casamento da filha com o namorado por considerar este impróprio, pela simples razão de não possuir o hábito. Os enamorados professarão num convento.

► DIAS, Mário Simões

Dom Frei Gedeão, templário (Conto histórico, séc. XIII, em terras de Leão e Portugal), Coimbra, Edições J. D. C., 2001

► FÉVAL, Paul-Henri-Corentin (1816-1887)

Les Tribunaux Secrets. Ouvrage historique: Francs-Juges, Fanatiques, Conspirateurs, Druides, Assassins, Thaumaturges, Inquisiteurs, Prophètes, Mally Maguires, Enfants blancs, Pieds Noirs, Rois, Tribuns, Esclaves, Carbonari, Templiers, Chevaliers de Malte, etc. Origines mystérieuses, révélations historiques, revers des médailles illustres

Paris, E. et V. Penaud frères, 1851-1852, 8 vols.

O tomo 5, na íntegra, e o 6, parcialmente, são consagrados aos Templários. Segundo o autor a Ordem sobreviveu à fogueira e o príncipe Philippe d'Orléans foi um dos seus últimos grão-mestres. Na tradução de Manuel Pinheiro Chagas (*Os Tribunaes Secretos*, Lisboa, Biblioteca dos Livros Úteis, 1874, 5 vols.), vol. 3, p. 146-222 e vol. 4, p. 5-81. Reeditado com o título *Os Templários: obra histórica* (Lisboa, Hugin, 2001).

► FRUTUOSO, Gaspar

Saudades da Terra

Ponta Delgada, 1924

No livro IV (v. 1), cap. XXXVII (p. 240-247): *Da figura, que se imagina ter a ilha de S. Miguel, do gigante Almourol, que alguns fingiram ser guarda de uma donzela, chamada Miraguarda, n'aquela castelo, assim chamado Almourol do seu nome, que diziam ser seu; em que se descreve toda a sua costa marítima e a figura d'ela, a modo d'este gigante, deitado ali no mar, com as povoações, cabos e enseadas que ao longo d'ela correm como membros e partes de seu corpo. Entrelaçam-se o Palmeirim de Inglaterra, o castelo templário de Almourol e o cavaleiro de Cristo Frei Gonçalo Velho, seu comendador e primeiro capitão da ilha açoriana de S. Miguel.*

► GARRETT, Almeida

Viagens na minha terra

Lisboa, Typ. da Gazeta dos Tribunaes, 1846, 2 vols. [BN: L 6516 A]

Estabelece paralelismo entre templários e Companhia de Jesus. Afirma que os Jesuitas foram "os templários dos tempos modernos", no que, em absoluto, não foi inovador, visto que o século das Luzes divulgara amplamente a alegada confluência, quer de propósitos quer de destino, de ambos os grêmios. O próprio Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, chegou a sugeri-la numa missiva ao Papa, na qual expunha a conveniência da extinção

da Companhia de Jesus: "É necessário considerar, com toda a atenção que o caso merece, o que a História nos diz acerca da severa punição dos templários". Mas até Fernando Pessoa dedicaria à questão alguma atenção, já que subsiste no seu espólio um fragmento deveras sintomático: "[...] Padre Fulano, tem-me causado pasmo, como católico, o facto de a sua Ordem (Companhia de Jesus) ter um Quarto Voto, e de esse Quarto Voto ser o de obediência ao Papa. Parece-me que semelhante voto é totalmente desnecessário num católico, e até deixa presumir que seria de esperar dele uma falta de obediência. Calculo por isso que o Voto não seja realmente esse. Diga-me: realmente, verdadeiramente qual é o Quarto Voto ? " [Esp. 53-54].

► HERCULANO, Alexandre

A Morte do Lidador (1170)

in *Lendas e Narrativas*, v. 2, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851 [BN: L 10030 P]

Após o préstito que conduz a Beja o cadáver do Lidador segue um sacerdote templário psalmodiando "em voz baixa aquelas palavras do livro da Sabedoria: Justorum autem animae in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis" [cap. III: Mas as almas dos justos estão na mão de Deus e não as tocará o tormento da morte].

► [HERCULANO, Alexandre]

O Mestre Assassinado: Chronica dos Templarios. 1320

in *Panorama*, v. 2 (1838), p. 255-256, 262-263, 271-272, 286-287, 295 e 303-304

Crónica-romance publicada anónima e plagiada por Joaquim Pereira de Campos Júnior (ver). A acção decorre na ilha de Mull, uma das Hébridias, no Mar do Norte, desenrolando-se ao longo de seis capítulos, cujo epílogo se transcreve: "Perto da capela de S. João, se abriu a sepultura de Perrail, em um terreno coberto de basto arvoredos. Um montão de pedras se erguia sobre a campa; um verde de acácia, renovado cuidadosamente todos os dias, distinguuiu, por largo tempo, este sepulcro de outros que ali se iam abrindo; e ainda em épocas mui posteriores celebravam os membros da ordem o dia do seu orago junto ao lugar do último repouso do Mestre Assassinado".

► HOHLBEIN, Wolfgang (1953-)

Die Templerin

Munique, Heyne Verlag, 2000

Tradução do alemão: *A Templária*, Lisboa, Esquilo, 2006

► JAMES, George Payne Rainsford (1799-1860)

Os últimos dias dos Templários

Lisboa, Typ. Lisbonense, 1851 [BN: HG 13453 P]

Versão a partir do inglês por C. S. M. (Saavedra Machado). O prolífico Rainsford James foi o celebrado autor de cerca de uma centena de novelas e romances de índole histórica.

► JECKS, Michael

The Last Templar, The Merchant's Partner, A Moorland Hanging, The Crediton Killings, The Abbot's Gibbet, The Lepers Return

Londres, 1995-1998, 6 vols.

Tradução do inglês: *Templário – O Último Templário; O Sócio do Mercador; A Charneca do Enforcado; Os Assassínios de Crediton; A Força do Abade; O Regresso do Leproso* (Venda Nova, Bertrand, 2001-2003, 6 vols.)

► KLOSSOWSKI, Pierre (1905-2001)

Le Baphomet

Paris, Mercure de France, 1965

Romance dedicado a Michel Foucault, Prémio dos Críticos, no ano do seu lançamento.

Tradução portuguesa de Clara Alvarez: *Baphomet* (Campo das Letras, Porto, 2005).

► LEAL, Paulo Guilherme d' Eça

As sete portas de Arsenise: romance

Venda Nova, Bertrand, 1995 [BN: L 50935 V]

► LEITE, Bertha

O Zêlo de D. Denis

in *No Coração da Pátria*, Lisboa, Editorial O Século, 1935, p. 23-29

Ilustrado com dois desenhos assinados “José Leite, 1934”.

► LEWIS, Mathew Gregory (1775-1818)

Les Mystères de la Tour Saint-Jean ou les Chevaliers du Temple, par [...] auteur du Moine [...]. Trad. de l'anglais par le baron de L [Et.-Léon, La Mothe Houdancourt]

Paris, Corbet, 1818, 4 vols.

Tradução suposta, porquanto se trata de obra atribuída sem razão a Lewis, em França.

Traduzido do francês por José Augusto da Silva (Lisboa, Imprensa Nacional, 1849). Reedição:

Lisboa, 1862 [BN: L 25623 P].

► LIMA, Adelino de Figueiredo

Os Templários: A Tragédia da Ordem do Templo, no século XIV, criou nos Povos Latinos, a verdadeira Consciência da Liberdade

Rio de Janeiro, Editora Fiat-Lux, 1955

Reedições em 1956, 1958 (Ed. Spiker), 1972 (Brasil SA). Interessam nomeadamente os cap. XXI

(*O Dia da Saudade*) e XXII (*As predições do Oráculo*).

► MAGALHÃES, Ana Maria / ALÇADA, Isabel

Uma Aventura fantástica

Lisboa, Caminho, 1991 (5ª edição)

Ilustrações de Arlindo Fagundes.

► MARQUES, Gentil

Lenda do Sinal do Céu

in *Lendas de Portugal*, Porto, Universos, 1962-1965, 5 vols.

Reedição: Lisboa, Círculo de Leitores, 1997, v. 2, p. 373-379

► MARTINS, Rocha

O Mestre de Cristo (1375-1384): Legenda da Cidade de Tomar

in *Legendas de Portugal*, fasc. 12 do tomo 4, Lisboa, R. M., [1928], p. 71-108 [BN: L 49890 V]

Romance em quatro quadros, cujo enredo se desenrola em torno da figura de D. Lopo Dias de Sousa, mestre da Ordem de Cristo que precedeu a administração do Infante Dom Henrique.

► MASOT, Núria

La Sombra del Templario

Barcelona, Roca Editorial, 2004

Tradução portuguesa de Magda Bigotte de Figueiredo: *A Sombra do Templário* (Lisboa, Dom Quixote, 2005).

► MOLIST, Jorge

El Anillo: la herencia del último templario

Barcelona, Martinez Roca, 2004

Prémio de Novela Histórica, Alfonso X el Sábio (2004). Tradução do castelhano: *O Anel: a Herança do Último Templário* (Lisboa, Ésquilo, 2004).

► NOLLIER, Inès

Le Grand maitre des Templiers

Paris, Editions du Rocher, 1994

Tradução do francês: *O Grão-Mestre dos Templários: romance* (Lisboa, Nova Arrancada, 2002)

► PARDAL, Maria João Martins / MARINHO, Ezequiel Passos

A Comenda Secreta

Lisboa, Esquilo, 2005

► SCOTT, Walter (1771-1832)

Ivanhoe: a romance

Edimburgo, 1820

Extremamente hostil aos templários. Inspirou a ópera de Girolamo Maria Marini e Otto Nicolai (ver). Trad. portuguesa de E. P. da Câmara, *Ivanhoé, ou o Regresso do Cruzado* (Lisboa, 1837, 4 tomos em 1 vol.) [BN: L 6841 P].

► SILVA, Luís Augusto Rebelo da (1821-?)

O Castello de Almourol. Conto do século XVII

In *Contos e Lendas*

Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira e Companhia, 1873 [BN: L 40916 P]

Por ter falecido prematuramente, o seu autor não chegou a terminar este conto, do qual apenas subsistem três capítulos. Os “sucessos que refere esta verídica história” são situados no ano de

1663, junto de Paio de Pele, no cenário misterioso do castelo de Almourol e de uma propriedade que D. Vasco de Mascarenhas unira às suas próprias por meio de dote que sua mulher, D. Madalena, lhe trouxera pelo matrimónio.

► SILVA, Marcolino

A espada do templário: conto fantástico

in *O Diário d'Évora*, a. 2, n. 293 (18 Out. 1895) e n. 294 (19 Out. 1895)

Marcolino Silva, famoso dramaturgo eborense, não assume a autoria, apresentando-se como mero tradutor da novela. O cenário desta é a localidade de Monção, no Minho, podendo ser-lhe creditada. Em 1907, ensaiou o drama lírico *O Fantasma de Almourol*, de José Carlos de Gouveia.

► VILLA-MOURA, Visconde de (1877-1935)

A Villa-Feia

in *A Águia*, s. 2, v. 2 (1912), p. 6-9

O autor, Bento de Oliveira Cardoso e Castro Guedes de Carvalho Lopes, foi o primeiro a usar este título nobiliárquico, concedido por decreto de 25 Outubro 1900. Constitui o cap. XI de *Nova Sapho: Tragédia extranha-Romance de Pathologia Sentimental* (Lisboa, Ferreira, 1912, p. 157-167) [BN: L 12480 P]. Para caracterizar o espírito do lugar socorre-se de uma alegada descrição inédita de Nuno Vilar, 3º Conde de Nevogilde e derradeiro representante de um cavaleiro templário.

► ZACCONE, Pierre (1817-1895)

Histoire des Sociétés Secrètes, Politiques et religieuses: L'Inquisition, les Jésuites, les Francs-Juges, les Templiers, les Franc-Maçons, le Concil des Dix, les Carbonari, les Étrangleurs, etc. Suivi d'un Précis Historique sur le Compagnonnage

Paris, Henri Morel, 1847-1849, 5 vols., ilustr. com 32 grav. sobre aço coloridas

Trata dos Templários no t. 1, p. 214-287. Diversas edições posteriores com variantes. Traduzida por Heliodoro Salgado, sob o título: *História das Sociedades Secretas políticas e religiosas: os Carbonários, a Inquisição, os Franco-Maçons, os Estranguladores, a Camorra, os Amigos do Povo, os Companheiros, a Internacional, os Mutiladores Russos, os Nihilistas, os Fenianos, os Iluminados, os Jesuítas, os Juizes Livres, os Templários, os Assassinos, etc, etc*, (Lisboa, Typ. Lusitana-Ed. de Arthur Brandão, s/d. (18??), 2 vols.). A BN possui uma reed. francesa (Paris, 1867, 2 vols. [BN: HG 974-975 V]).

LÍRICA TROVADORESCA

► ANÓNIMO

Vi los valientes Templarios

Cantiga de escárnio qua apenas encontrei reproduzida por Anselmo Braamcamp Freire (*Brasões da Sala de Sintra*, v. 1, p. 242). D. Fernando Peres de Andrada foi primogénito e senhor de Puento de Eume, Ferrol e Vilalba, na Corunha. Aires de Sá (*Frei Gonçalo Velho*, v. 1, p. 67) apresenta-o em Canaveses, no dia 5 de Agosto de 1355, na qualidade de um dos doze vassallos do Infante D. Pedro que haviam jurado aconselhá-lo a observar o Tratado de concórdia celebrado com seu pai, o rei D. Afonso IV. Pelo seu lado, Braamcamp Freire conjectura (invocando para o efeito Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, cap. XCIX) que Fernão Peres de Andrade fosse irmão ou primo conirmão do Mestre de Cristo D. Nuno Rodrigues Freire (preceptor de D. João, filho natural de D. Pedro e D. Teresa Lourenço, para quem pediu, em 1364, o mestrado de Avis), "visto Fernão Peres ser tio de Rui Freire, filho do Mestre D. Nuno (*ob. cit.*, v. 2, p. 248).

► CONDE, Gil Peres

Non é Amor en caz d'e[1]-rrey

In *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, 1525 e *Cancioneiro Coluci-Brancuti*, 398

O sirventês em questão, composto quase certamente durante a guerra de Granada, é considerado por Rodrigues Lapa (*Lições de Literatura Portuguesa: época medieval*, Lisboa, 1934, p. 152) a obra prima deste trovador, fidalgo português e autor de 34 cantigas de escárnio e maldizer, que esteve ao serviço de Afonso X e Sancho IV de Castela. Editado por Carolina Michaellis de Vasconcellos, in *Zeitschrift fur Romanische Philologie*, v. 4 (1901), p. 308-309; J. J. Nunes, in *Crestomatia Arcaica*, p. 400; M. Rodrigues Lapa, in *Cantigas d' Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Galego-Portugueses* (edição crítica), Coimbra, 1965, n. 160, p. 250 e Fernando V. Peixoto da Fonseca, in *Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores Galego-Portugueses*, Lisboa, 1971, XLVI. O tema da *Casa de El-Rei* ocorre igualmente em João Airas (CBN 890) e João Airas de Santiago (CV 634).

MATÉRIA DA BRETANHA

► BARROS, João de (1496-1570)

Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem, tirada da linguagem ungara em a nossa portugueza, dirigida ao esclarecido principe D. João, filho do mui poderoso rey D. Manuel

Coimbra, João Barreira, 1520

Reedições: Coimbra, 1553; Lisboa, 1522 [BN: F 2200], 1601 [BN: Res. 3894 V], 1742, 1791 [BN: L 7028 P], 1843 [BN: L 7031 P], 1953. No liv. III, cap. IV: *Como partidos os moradores de Sintra, quisera Clarimundo ir ao castelo de Torres Vedras, mas foi desviado por Fanimor. E das grandes profecias que profetizou acerca das coisas de Portugal* (Lisboa, 1953, p. 97). Cf. António José Saraiva, *Uma concepção planetária da História em João de Barros*, in *Para a História da Cultura em Portugal*, v. 2 (Lisboa, 1961), p. 329-355 e Maria Helena Duarte Santos, *O mito do herói na Crónica do imperador Clarimundo de João de Barros*, Coimbra, 1987 (tese de mestrado de Literatura Portuguesa apresentada à FLUC).

► FRANCISCO DE PORTUGAL, Dom

Primeira parte da Choronica do Emperador Beliandro, em que se dá conta das obras maravilhosas dos velerosos acontecimentos que no seu tempo obrou o Príncipe Bellifloro seu Filho e D. Bellindo Príncipe de Portugal e de outros muitos cavalleyros. Segunda parte da Chronica do Emperador Beliandro em que se contão os valerosos acontecimentos dos Príncipes Bellifloro, e D. Bellindo e de outros muitos cavalleyros

[ACL: ms. 24; BN: Res cod. 6482; cod. 8385; cod. 8871; cod. 9807]

Continuação directa do Palmeirim, dividida em duas partes. A suposta atribuição desta novela a D. Leonor Coutinho funda-se em Barbosa Machado, D. António Caetano de Sousa e D. Vasco Luís da Gama (Carta, 12 Set. 1649), sendo, no entanto, infirmada por passagem do *Hospital das Letras* de D. Francisco Manuel de Melo, o qual a atribui a D. Francisco de Portugal, 3º Conde de Vimioso. Inocêncio (v. 5, p. 178-179), informado da existência em Setúbal, na posse de um particular, de um manuscrito *in folio*, intitulado *Chronica do Imperador Beliandro, em que se dá conta das obras maravilhosas e das gloriosas façanhas que no seu tempo obrou o príncipe Bélifloro seu filho, e de Belindo, príncipe de Portugal, e outros muitos cavalleiros*, ficou convicto de que se tratava da obra em apreço, questão que, todavia, nunca logrou esclarecer cabalmente. Na década de 1960, a Biblioteca da Universidade de Utreque adquiriu dois manuscritos reproduzindo a primeira e a segunda parte do que se crê constituir a continuação do ciclo. Os códices intitulados *História de Grécia, na qual se dá conta dos valerosos feitos do Príncipe Belifloro e de D. Belindo Príncipe de Portugal e de outros que concorrerão naquelles tempos*, possuem 48 e 25 capítulos, respectivamente. A BN conta no seu acervo apenas o texto correspondente à segunda parte da obra [cod. 6037].

Bibliografia: FERREIRA, Carlos Alberto, *Cartas de Dom Francisco de Portugal escritas ao Sôr Arcebispo de Lisboa, Dom Rodrigo da Cunha*, in *Biblos*, v. 22 (1946), p. 636-673 (cf. carta datada de

22 de Junho de 1624); TEENSMA, B. N., *Nótula sobre alguns manuscritos da Crónica do Imperador Beliandro e da História da Grécia*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, v. 4, n. 1 (Jan.- Mar. 1963), p. 110-114

► FERNANDES, Diogo

Terceira parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra, na qual se tratam as grandes cauallarias de seu filho o Principe Dom Duardos segundo, e dos mais Principes, e caualleiros que na Ilha deleytosa se criaraõ

Lisboa, Marcos Borges, 1587 [BN: Res. 1125 A]

Continuação do *Palmeirim de Inglaterra*. Segunda edição por Jorge Rodrigues (Lisboa, 1604 [BN: Res. 355 V]). Com numeração separada (2-179-83 fls.), inclui a *Quarta parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra, onde se contam os feitos do valeroso principe, o segundo Dom Duardos seu filho; e dos famosos principes Vasperaldo, Primaleão e Laudimante, e de outros grandes caualleiros de seu tempo*. Declara no Prólogo ter decidido publicar a continuação do livro de Francisco de Moraes, "alimpando" o texto por ele composto, circunstância que tem provocado a suspeita de esta terceira parte haver circulado manuscrita. A ficção cavaleiresca não é colocada no mesmo plano da história, porquanto a tarefa do narrador não é "acreditar fábulas que todos têm por essas". Os seus modelos deixaram de ser o Amadis e seus continuadores para passarem a ser Ariosto e Tasso.

► LIURO DE JOSEP ABARAMATIA

The Portuguese book of Joseph of Arimathea: Paleographical edition with Introduction, Linguistic Study, Notes, Plates, and Glossary by Henry Hare Carter

Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1967

Versão portuguesa da 3ª parte da trilogia do ciclo do Graal [ANTT: cod 643 da Livraria (proveniente da Cartuxa de Évora)], cópia quinhentista da responsabilidade de Manuel Álvares, corregedor da Ilha de S. Miguel (Açores), o qual admite tê-lo achado no tempo em que seu pai era corregedor de entre Douro e Minho, "em Riba d'Âncora em poder de uma velha de mui antiga idade [...] escrito em pergaminho iluminado e há quase de duzentos anos" (mandado fazer por João Sanches, mestre escola de Astorga, "no quinto ano que o estudo de Coimbra foi feito e no tempo do Papa Clemente que destruiu a Ordem do Templo [1314]"). O texto inicia com uma visão do autor, que recebe do céu um pequeno livro narrando a história do Santo Graal, livro que ele copia começando pela paixão de Cristo e desempenho de José de Arimateia, seu cativo prolongado e libertação por ordem de Vespasiano. O filho do Imperador de Roma, Vespasiano, curado miraculosamente, vai a Jerusalém vingar a morte de Cristo. Toma conhecimento por Maria do do Egípto que José, preso por haver sepultado Cristo, ainda se encontra vivo. Obriga Caifás a conduzi-lo ao cárcere de José, onde este permanece há 36 anos. Como castigo, Caifás é metido num batel e lançado ao mar. A p. 175 (cap. 62) surge referência a uma barca "mui pequena e era de prata e a vela tinha uma mui freiosa cruz vermelha", supostamente templária ou da Ordem de Cristo. Um ms. francês da Biblioteca Municipal de Rennes [cod. 2427] coincide quase sempre com o José português, circunstância que legitima poder-se considerar este o parente mais próximo do original francês. Alguns comentadores presumem, no entanto, que o original francês se encontraria já no esquema da *Estoire* transportado para Portugal cerca de 1245, ano do regresso de Afonso III

de França. A prioridade da tradução portuguesa sobre a castelhana, demonstrada por M. Rodrigues Lapa, em 1931, testemunha o enorme interesse que a obra suscitou em Portugal.

Bibliografia: BAIST, G., *Der portugiesische Josef von Arimathia*, in *Zeitschrift fur romanische Philologie*, v. 31 (Tubingen, 1907), p. 605-607; BOGDANOW, Fanni, *The relationship of the Portuguese Josep Abarimatia to the extant French MSS, of the Estoire del Saint Graal*, in *Zeitschrift fur romanische Philologie*, v. 76 (1960), p. 343-375; idem, *The Romance of the Grail*, Manchester-Nova Iorque, Manchester University Press, 1966; CASTRO, I., *Quando foi copiado o Livro de José de Arimateia?: datação do códice 643 da Torre do Tombo*, in *Boletim de Filologia*, v. 25 (1976-79), p. 173-183; idem, *Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da post-vulgata*, in *Boletim de Filologia*, v. 28 (1983), p. 81-98; idem, *Remarques sur la tradition manuscrite de l'Estoire del Saint Graal*, in *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário* (ed. D. Kremer), Tubingen, Max Niemayer, 1988, p. 195-206; MARTINS, Mário, *O livro de José de Arimateia, da Torre do Tombo*, in *Brotéria*, v. 55 (1952), p. 289-298 (tb. in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956, p. 50-57); idem, *A Lenda de Caifás*, in *Brotéria*, v. 75 (1962), p. 530-534; idem, *A Eucaristia no Livro de José de Arimateia e na Demanda do Santo Graal*, in *Itinerarium*, n. 21 (Jan.-Mar. 1975), p. 16-30; idem, *Frases de orientação nos romances arturianos e em Fernão Lopes*, in *Itinerarium*, n. 95 (Jan.-Mar. 1977), p. 3-24; idem, *As barcas misteriosas*, in *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa*, Lisboa, 1980 (2ª ed.), p. 129-145; idem, *Figuras, símbolos e alegorias do Livro de José de Arimateia*, in *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa*, Lisboa, 1980 (2ª ed.), p. 105-119; idem, *O Cromlech de Stonehenge no Livro de José de Arimateia e em Merlim*, in *Itinerarium*, n. 26 (Mai.-Ago. 1980), p. 217-222; idem, *Simbologia das vestes sacerdotais no Livro de José de Arimateia*, in *Didaskalia*, v. 13 (1983), p. 303-309; MEGALE, Heitor, *A Demanda Portuguesa de Viena: confronto das edições Magne*, in *Boletim de Filologia*, v. 31 (1986-1987), p. 133-160; MIRANDA, José Carlos, *Realeza e cavalaria no Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da Estoire du Saint Graal*, in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval* (Lisboa, 1991), v. 3, Lisboa, 1993, p. 157-161; NASCIMENTO, A. A., *Hábitos tabeliônicos num manuscrito literário – o Livro de José de Arimateia*, in *Boletim de Filologia*, v. 29 (1984), p. 119-128; SHARRER, H. L., *A Critical Bibliography of Hispanic Arthurian Material*, I, Londres, Grant and Cutler, 1977

► LOBATO, Baltasar Gonçalves

Quinta e sexta parte do Palmeirim de Inglaterra, dirigida a Dom Diogo da Silua, Conde de Portalegre. Chronica do famoso Principe D. Clarisol de Bretanha, filho do Principe Dom Duardos de Bretanha, na qual se cõtão suas grandes cauallarias, e dos Principes Lindamor, Clarifebo e Beliandro da Grecia, filhos de Vasperaldo, Landimante e Primaleão, e de outros muitos principes e caualleiros famosos do seu tempo

Lisboa, Jorge Rodrigues, 1602 [BN: Res. 796 A (prov. S. Vicente de Fora)]

Continuação do *Palmeirim de Inglaterra*. O herói combate com todos os mais famosos cavaleiros da antiguidade e até com algumas divindades mitológicas, como Marte e as Fúrias, saindo sempre vitorioso.

► LOBEIRA, Vasco de

Amadis de Gaula

Saragoça, 1508

O único romance de cavalaria que escapou à fogueira ateadada por Don Quixote. Testemunho flagrante da influência e adaptação da Matéria da Bretanha na Península Ibérica, o romance do *Amadis de Gaula*, bem conhecido em Portugal durante os séculos XIV e XV, narra as aventuras fantásticas e os desvãos amorosos do “Donzel do Mar” (nascido de uma união clandestina entre Elisena e o rei Perion), encarnação do ideal de pureza no amor, da generosidade, da nobreza e da abnegação, atributos próprios da autêntica cavalaria, sendo-nos familiar, hoje, por intermédio da versão refundida e acrescentada (livro quarto), em finais de quatrocentos, por Garci Rodriguez de Montalvo, nobre de Medina del Campo. A origem ibérica da narrativa é geralmente aceite, não sendo, todavia, consensual a autoria do *Amadis de Gaula*. Perfilam-se três argumentos principais em abono da tese da origem portuguesa, todavia, todos eles susceptíveis de arguição: 1. a tradição que relaciona *Amadis* com Vasco de Lobeira, associação estabelecida, em primeira mão, por Gomes Eanes de Zurara, na *Crónica de D. Pedro de Meneses* (livro I, cap. LXIII): “feito a prazer de um homem que se chamava Vasco de Lobeira em tempo d’el rei D. Fernando”; 2. o estribilho do *Lais de Leonoreta* (“Leonoreta, fin roseta, bella sobre toda flor, fin roseta, não me meta em tal coita voss’amor”), que surge no *Cancioneiro Colocci-Brancuti* (fl. 64r-64v), entre as produções de Johan de Lobeira (1279-1325), trovador contemporâneo de D. Dinis, foi adaptado por Garci de Montalvo e integrado no romance (livro II, cap. LIV). 3. a possível relação entre Johan de Lobeira e D. Afonso (irmão de D. Dinis, 1263-1312), porquanto na versão de Montalvo se lê que a história dos amores de Briolanja por Amadis teria merecido o interesse do “señor infante don Alfonso de Portugal”, o qual, descontente com o primeiro desfecho infeliz, o mandara “de outra guisa poer” (livro I, cap. XL). Por seu turno, a tese castelhana assenta sobre dois argumentos, também eles não completamente plausíveis: 1. a tradição manuscrita anterior à refundição de Montalvo, quase integralmente perdida, dela subsistindo apenas quatro fragmentos em castelhano, eventualmente de inícios de quatrocentos; 2. a forte implantação da narrativa na literatura espanhola. A partir da edição *princeps* o seu sucesso tornar-se-ia enorme na Europa. Seria traduzido e adaptado em França, Itália, Holanda e Alemanha e abreviado até em hebraico. Em 1522, inspiraria o *Dom Duardos* de Gil Vicente, o qual, alguns anos antes havia apresentado uma adaptação teatral do próprio *Amadis de Gaula* que constitui, segundo a opinião abalizada de Eugénio Asensio, um dos momentos mais altos da dramaturgia vicentina. As sequelas do *Ciclo dos Amadises* produziram ao todo 12 livros. *Reedições: Los quatro libros de Amadis de Gaula nuevamente impresos e hystoriados en Sevilla*, Jacobo e Juan Cronberger, 1526 (fim do mês de Abril) [BN: Res 454 V]; Ed. Rodrigues Lapa: 1ª ed., [S. l., s. n.], 1937 [BN: L 31075 P]; 2ª ed., [S. l., s. n.], 1941 [BN: L 34127 (4º) P]; 3ª ed., Lisboa, [s. n.], 1957 [BN: L 46340 P]; 4ª ed., [S. l., s. n.], 1962 [BN: L 54160 P]; 5ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1968 [BN: L 61015 P]; 6ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1973 [BN: L 66198 P]; Ed. Costa Marques: Lisboa, Liv. A. M. Teixeira, 1942 [BN: L 35084 (3º) P]; Coimbra, Atlântida: 1960 [BN: L 63352 P]; 3ª ed., 1972 [BN: L 66179 P]; Ed. Afonso Lopes Vieira: *O Romance de Amadis, composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira*, Lisboa, Portugal-Brasil, 1922 [BN: L 30099 P]; Paris, 1924 (trad. Philéas Lebesgue [BN: L 34204 P]); s. l., 1926 [BN: L 30067 P]; s. l., s. n., 1935 [BN: L 27172 P]; Lisboa, Bertrand, 1955 [BN: L 43487 P]; Lisboa, Ulmeiro, 1984 [BN: L 34678 V]; Lisboa, Ulmeiro, 199([BN: L 60824 V]; Lisboa, Ulmeiro, 2002 [BN: L 74155 V]; Porto, Porto Editora, 2003 [BN: L 81131 V]. Edições inglesas oitocentistas: *Amadis de Gaul* (Londres, N. Biggs, 1802, 4 vols. [BN: L 6477 P]; *Amadis of Gaul*, Londres, T. N. Longman and O. Rees, 1803, 2 vols. [BN: L 10944 P]; *Amadis of Gaul, translated from the Spanish version of Garciordonez de Montalvo By Robert Southey*, Londres, John Russel Smith, 1872, 3 vols. Esta novela de cavalaria inspirou inúmeras obras de teatro, teatro

musicado e ópera, de que se regista o, decerto, incompleto elenco: VICENTE, Gil, *Tragicomedia de Amadis de Gaula*, 1522 (in *Copilaçam de todalas Obras de [...]*, Lisboa, João Álvares, 1562; [...] agora paraphrasticamente passada a portuguez, Coimbra, 1910, ed. Júlio de Castilho [BN: L 32479 V]; Manchester, 1959, ed. T. P. Waldron); LULLY, Jean Baptist, *Amadis* (libreto: Philippe Quinault), Paris (Academia Real da Música) 14 ou 18 Janeiro 1684; ANÓNIMO, *Naissance d'Amadis* (libreto: desconhecido), Paris (Teatro Italiano) 10 Fevereiro 1694; FIOCCO, Pierre, *Amadis des Gaules* (ópera prólogo de Lully), Bruxelas, 25 Janeiro 1695; DESTOUCHES, Andre, *Amadis de Grece* (libreto: Antoine Houden de la Motte), Paris (Academia Real da Música) 3 Março 1699 (ed. Chez C. Ballard, 1712); HANDEL, George Frederick, *Amadigi di Gaula* (libreto: John James Heidegger), Londres (King's Theatre), 25 Maio 1715 (in *Librettos of Handel's Operas*, Nova Iorque, 1989); TORRI, Pietro, *Amadigi di Grécia* (libreto: Perozzo di Perozzi), Munique, Outubro 1724; ANÓNIMO, *Amadis le Cadet: opera Parodie* (libreto: Fugelier), Paris (Comedia Italiana), 24 Março 1724; ANÓNIMO, *Arlequin Amadis* (libreto: Domenique e Romagnesi), Paris (Comédia Italiana), 27 Novembro 1731; BLAISE, *Amadis: opera Parodie* (libreto: Romagnesi e Riccobini), Paris (Comédia Italiana), 19 Dezembro 1740; BERTON, P. M. / LA BORDE, *Amadi des Gaules* (libreto: Quinault), Paris (Ópera), 26 Novembro 1771; BACH, Johann Christian, *Amadis des Gaules* (libreto: Philippe Quinault), Paris (Academia Real) 14 Dezembro 1779 (ed. Chex St. Sieber, Paris, 1780); STENGEL, Gottfried, *Amadis, der fahrende Ritter von Gallien* (libreto: Briesecke), Hamburgo, 1798; DIMMLER, Antonius, *Ritter Amadis* (libreto: LeGrand), Munique, 1800; MASSENET, Jules, *Amadis* (libreto: Jules Claretie), Monte Carlo (Teatro do Casino), 1 Abril 1922 (ed. Heugel et Cie, Paris, 1921); DEZEDE, *Amadis*, (?) (cf. Stieger, v. 1, p. 48); ANÓNIMO, *Amadis* (libreto: desconhecido), (?) (cf. Mellen, v. 1, p. 45); *Amadis de Gaula: programa* (realização de Amélia Rei Colaço e Robles Monteiro), Lisboa, s.n., 19?? [BN: BA 494 (72º) A].

Bibliografia: AMADO, Teresa, *Amadis*, Lisboa, Quimera, 1992 [BN: L 47222 V]; ANDRADE, Maria Francisca de Oliveira, *Reacção quincentista da filosofia moral contra os romances de cavalaria*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 11-12 (1955), p. 455-457 [Actas do I Congresso Nacional de Filosofia]; BRAGA, Teófilo, *Historia das novellas portuguezas de Cavalleria [...]: formação do Amadis de Gaula*, Porto, 1873; idem, *Manual da História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1875, cap. 3, p. 70-88; idem, *Sobre a origem portugueza do Amadis de Gaula*, in *Questões de Litteratura e Arte Portuguesa*, Porto, 1881, p. 98-122; idem, *Origem portugueza do Amadis de Gaula*, in *Hist. da Literatura Portuguesa*, v. 1, Porto, 1909, p. 299-346; idem, *Versão hebraica do Amadis de Gaula: realizada em sessão de 3 de Março de 1914*, in *Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal*, s. 1, v. 2-3 (Coimbra, 1915-1916) [BN: HG 100086 V]; CHAVES, Castelo Branco, *Carta inédita de José Monteiro a António Pedro Lopes de Mendonça sobre o "Amadis de Gaula"*, in *Revista da Biblioteca Nacional*, n. 1 (1982), p. 37-42 [BN: L 31237 V]; ENTWISTLE, Wiliam J., *The Arturian Legend in the Literatures of Spanish Peninsule*, Londres, 1925; FOGELQUIST, J. D., *El Amadis y el género de la historia fingida*, Madrid, 1982; FREITAS, Alfredo Vieira de, *Amadis de Gaula, Gaula de Amadis: ensaio acerca da influênciã das novelas de cavalaria na Madeira*, Funchal, 1964 [BN: L 16905 V] e 1984 [BN: L 34911 V]; GAYANGOS, Pascual de, *Catalogo razonado de los libros de caballeria en lengua española y portuguesa*, 1857; GLASER, Edward, *Nuevos datos sobre la critica de los libros de caballerias en los siglos XVI y XVII*, in *Anuário de Estudos Medievales*, v. 3 (1966), p. 393-410; HERCULANO, Alexandre, *Novelas de Cavalaria Portuguesa. I - Amadis de Gaula*, in *Panorama* (1838) e in *Opúsculos*, v. 5, Lisboa, 1907, p. 87-99; LAPA, M. Rodrigues, *A questão do Amadis de Gaula no contexto peninsular*, in *Grial*, v. 27 (1970), p. 14-28; LEBESGUE, Philéas, *La Matière de Bretagne et l'Amadis de Gaule*, in *Bulletin des Études Portugaises*, v. 4, n. 1 (1937), p. 47-57; LOPES,

Graça Videira, *Geografias Imaginárias – espaço e aventura no Amadis de Gaula*, in *A Imagem do Mundo na Idade Média* (Actas do Colóquio Internacional), Lisboa, 1992, p. 207-213; MARTINS, Mário, *O elemento religioso no Amadis de Gaula*, in *Brotéria*, v. 68, n. 6 (1959), p. 639-650 e in *Estudos de Cultura Medieval*, v. 3, Lisboa, 1983, p. 341-355; MENENDEZ Y PELAYO, Marcelino, *Orígenes de la Novela*, v. 1, Madrid, 1905, p. CXCIX-CCXLVIII; MICHELS, R. J., *Deux traces du Chevalier de la Charrette observées dans l'Amadis de Gaula*, in *Bulletin Hispanique*, v. 37 (1935), p. 478-480; MOISÉS, Massaud, *Amadis de Gaula*, in *Dicionário de Literatura* (dir. Jacinto Prado Coelho), Porto; NASCIMENTO, João Cabral do, *O Nome de Gaula*, in *Feira da Ladra*, v. 1 (1929), p. 201-204; PASTOR CUEVAS, Maria Cármen, *Tipología del Ermitaño: ficcionalización y fución en los Libros de Caballerías Hispánicas* (Zifar, Amadís y Tirante el Blanco), in *Literatura Medieval* (Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval), v. 4, Lisboa, p. 35-39; PAXECO, Fran [Manuel Francisco Pacheco], *O Poema do Amadis de Gaula*, in *Biblos* (1933) e Coimbra, 1934 [BN: L 31908 V]; PIMPÃO, Costa, *Idade Média*, Coimbra, 1959, p. 177-189; REALI, E., *Leonoreta/fin roseta nel problema dell'Amadis de Gaula*, in *Annali dell'Instituto Universitario Orientale di Napoli*, v. 7 (1965), p. 237-245; RODRIGUEZ-MOÑINO, António / CARLO, Agustín Millares / LAPESA, Rafael, *El Primer Manuscrito del Amadis de Gaula*, in *Boletín de la Real Academia Española*, v. 36 (1956), p. 199-216; SARDINHA, António, *Significado do Amadis*, in *Nação Portuguesa*, s. 2, n. 9-10 (1923), p. 400-409 e 455-468 e in *À Sombra dos Pórticos*, Lisboa, 1927, p. 191-263; THOMAS, Henry, *The Romance of Amadis of Gaul*, in *Revista de História*, n. 17 (Jan.-Mar. 1916), p. 1-33 [BN: L 37299 V] e in *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry: the revival of the Romance of Chivalry in the Spanish Peninsula and its extension and influence abroad*, Cambridge, 1920, cap. 2, p. 41-83; idem, *Las novelas de caballerías españolas y portuguesas*, Madrid, 1952; VARNHAGEN, Francisco Adolpho de, *Da literatura dos livros de cavalleria: estudo breve e consciencioso com algumas novidades acerca de originaes portugueses e com fac-simile*, Viena, 1872; VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, *Prefácio a O Romance de Amadis, de Afonso Lopes Vieira* (1922), Lisboa, 1935 (3ª ed.); VIEIRA, Afonso Lopes, *O conto de Amadis de Portugal para os rapazes portugueses*, s. l., s. n., 1938 [BN: L 49695 V], Lisboa, Bertrand, 1969 [BN: L 26263 P]; XAVIER, A., *O Romance: alguns aspectos da sua evolução na literatura europeia*, Lisboa, 1934, p. 81-122; WILLIAMS, G. S., *The Amadis Question*, in *Revue Hispanique*, v. 21 (1909), p. 1-167; idem, *El desenlace del Amadis primitivo*, in *Romance Philology*, v. 6 (1953), p. 283-289

► MARTORELL, Joanot (1410-1468)

Tirant lo Blanch

Valência, Nicolaus Spindler, 1490

Constitui o culminar da tradição literária catalã no género de novelas de cavalaria. Primeiro livro de cavalaria impresso. A primeira ed. teve uma tiragem de 715 exemplares (dos quais são conhecidos apenas três: Museu Britânico, Colégio de Sapiência, em Roma, e Univ. Valência), tendo sido patrocinada por Juan Rix de Cura. Teve reimpressões em Barcelona (1497) e Valladolid, em castelhano (1511). Crê-se que a redacção da obra tenha sido iniciada entre 1460 e 1466 em língua valenciana por Joanot Martorell e concluída por Martí Joan de Galba, resultando muito difícil distinguir o contributo de um e de outro. Segundo alguns estudiosos tratar-se-ia de uma alegada tradução do *Romance* inglês de *Gui de Warwick*, o qual teria sofrido interpolações. Cervantes consideraria esta obra “o melhor livro do mundo”, pois “aqui comem os cavaleiros e dormem, e morrem nas suas camas, e fazem testamento antes de morrer, com

outras coisas de que todos os demais livros deste género carecem" (*Dom Quixote*, I, cap. VI). Dedicado ao Infante D. Fernando, irmão de Afonso V de Portugal, rei expectante de Aragão (entre 1438-1451 e 1464-1466) e administrador da Ordem de Cristo, a pretexto de este ter solicitado ao autor que de entre "os feitos dos antigos, virtuosos e em fama mui gloriosos cavaleiros, cuja memória os poetas e historiadores encomendaram as suas obras para perpetuar os seus gloriosos actos" lhe desse a conhecer "singularmente os mui insignes actos de cavalaria daquele tão famoso cavaleiro [...], o qual, por suas virtudes conquistara muitos reinos e províncias, dando-os a outros cavaleiros e não querendo para si mais que a honra da cavalaria". No colofon do original catalão (eliminado nas trad.) lê-se: "Aqui feneix lo llibre [...], lo qual fou traduiit d'angles en llengua portuguesa, e après en vulgar llengua valenciana, per lo magnific e virtuos cavaller Mossèn Jeanot Martorell, lo qual, per mort sua, no en pogué acabar de traduir sinó las tres parts. La quarta part, que és la fi del llibre, és estada traduiida, a pregàrias de la noble senyora Dona Isabel de Leoris, per lo magnífic cavaller Messèn Martí Joan de Galba". O autor narra as aventuras de um suposto cavaleiro bretão que após diversas aventuras em Inglaterra, França e Sicília se torna responsável pela defesa de Rodes e do Império bizantino contra os turcos. O seu itinerário obedece aos principais estereótipos da tradição cavaleiresca, reafirmando a actualidade dos ideias de cruzada, à vista da queda de Constantinopla. A novela consta de seis partes: 1. Introdução (1-39); 2. Tirant, enquanto cavaleiro andante em Inglaterra, descrevendo o ambiente da corte de Henrique IV (40-97); 3. Tirant passa por Lisboa e após diversos perigosos combates no Estreito de Gibraltar, chega à Sicília; a dimensão cortesã e palaciana do protagonista cede o lugar ao cavaleiro e ao militar (98-116); 4. As façanhas bélicas de Tirant no Império Bizantino confundem-se com o seu romance com a filha do Imperador, Carmesina (117-295); no cap. 222 ocorre uma tímida tentativa de associar a sua linhagem, de la Roca Salada, com Uterpendragon e com seu filho Artur. 5. Descreve-se a conquista e cristianização por Tirant de alguns reinos muçulmanos do Norte de África (296-413); 6. Ocupa-se do regresso de Tirant à Grécia e da sua morte, após ter cumprido todas as promessas que fizera (414-487). O *Romance de Gui de Warwick* anda atribuído a um monge da Abadia de Oseney ou a um poeta com ela relacionada (entre 1232 e 1242). Num antigo leccionário do ofício coral de Alcobaça [BN: Alc. 414, fl. 252v-253v] encontra-se resumo em latim do romance primitivo [*Guinus Baruic*], em letra de meados do séc. XV (cf. Aires A. de Nascimento). A Biblioteca Pública do Porto possuiu um exemplar do incunábulo impresso em Barcelona, no ano de 1497 (proveniente do convento dos Carmelitas de Vila do Conde), que lhe foi extorquido. Tratava-se do único volume conhecido desta edição, tendo sido requisitado por Portaria do Ministério do Reino de 3 de Dezembro de 1859 e 5 de Junho de 1860, para empréstimo ao marquês de Salamanca (cf. J. Pereira de Sampaio Bruno).

Bibliografia: ANÓNIMO, *O Tirant lo Blanch pertencente à Biblioteca Pública e Municipal do Porto: documentos oficiais, debates parlamentares e artigos de jornais em 1860 e 1861*, Porto, 1898 [BN: B 891-891 P]; BRUNO, J. Pereira de Sampaio, *A Bibliotheca Pública do Porto. 2. Os Impressos*, in *Serões*, n. 17, p. 386-389; CARVALHO, Artur, *Os Incunábulos da Biblioteca Pública do Porto*, Porto, 1904, n. 195; ENTWISTLE, W. J. / RUSSEL, A. E., *A rainha D. Filipa e a sua corte*, in *Congresso do Mundo Português*, v. 2, Lisboa, 1940, p. 319-346; JANER, Mari a de la Pau, *El Esposo Transformado en Tirant lo Blanc*, in *Literatura Medieval* (Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval), v. 4, Lisboa, p. 123-128; MARTINEZ MARTINEZ, F., *Martín Joan de Galba, coautor de Tirant lo Blanch*, Valência, 1916; NASCIMENTO, A. Aires, *Guido de Warwick, historia latina exarata, um epígono de romance de cavalaria, entre os monges de Alcobaça*,

in Actas do V Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval, Granada, 1993; idem, *Leitura de Príncipes: Gui de Warwick, um Romance de Cavalaria na Corte de Avis*, in *Oceanos*, n. 17, Março, 1994, p. 58-64; RIQUER, Martí de, *Joanot Martorell. Tirant lo Blanch. Edición crítica*, Barcelona, 1990; idem, *Aproximació al Tirant lo Blanch*, Barcelona, 1990; idem, *Tirant lo Blanch, novela de historia y de ficción*, Barcelona, 1992; VARGAS LLOSA, M., *Edición crítica de Tirant lo Blanch*, Madrid, 1969; idem, *Carta de batalla por Tirant lo Blanch*, Barcelona, 1991

► MORAIS, Francisco de (?-1572)

Primeira parte da Chronica do Palmeyrim dinglaterra e Do muito esforçado cavaleiro floriano cavaleiro seu irmão e muitos outros principes e cavaleiros famosos

Évora, André de Burgos, 1564-1567 [BA: 50-XIII-28 (proveniente da Liv. das Necessidades)]

Obra dedicada à Infanta D. Maria. Reproduz a portada da novela *D. Florendo de Inglaterra* (Lisboa, Germão Galharde, 1545). Inclui *A segunda parte do Livro do muito esforçado caualleiro Palmeirim de Inglaterra, ho qual trata das suas grandes cavalarias, e das do Infante Floriano do deserto seu hirmão, & do Príncipe Florendos filho de Primalião*, a partir do cap. XLII (Évora, 1564 [The Hispanic Society of América]). Alguns comentadores postulam a existência de uma edição original portuguesa de 1544, base da espanhola de Toledo, 1546-1547. Supõem-na impressa na Flandres ou em Paris e que conteria uma dedicatória à Infanta D. Maria, irmã de D. João III. No Prólogo, Francisco de Morais confessa-se autor do romance, inspirado num original mais antigo redigido em língua estranha que vira em Paris, em poder de Albert de Rennes. Interessam da parte II, designadamente, os cap. LXI (*Como o cavaleiro triste se saíu do castelo de Almourol e do mais que passou*), LXII (*Como o gigante Dramusiando veio ter ao castelo de Almourol e do que nele passou*) e LXIII (*Do que aconteceu ao gigante Dramusiando na guarda do castelo de Almourol*). *Reedições*: Lisboa, António Alvares, 1592 [BN: Res 354 V]; Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1786 [BN: Res 467 V]; Lisboa, Biblioteca Portuguesa, 1852, 3 vols. [BN: L 25958-25960 P]; Halle, Druck von E. Karras, 1883 (ed. Carolina Michaelis) [BN: L 1749 (8º) V]; S. Paulo, 1946 (ed. Geraldo de Ulhoa Cintra) [BN: Res 53961 V]; Lisboa, 1941 e 1960 (ed. Rodrigues Lapa) [BN: L 34413 (8º) P e L 51068 P]. *Edições estrangeiras*: castelhana por Luiz Hurtado (Toledo, 1548); francesa por maistre Jacques Vincent (Lyon, 1553); italiana por Mambrino Rosco (Veneza, 1553). Robert Southey publicou *Palmeirin of England, translated from the portuguese of Francisco de Moraes* (Londres, 1807) e Eugene de Monglave, *Palmerin d'Angleterre, chronique portugaise, par Fr. de Moraes* (Paris, 1829). Cortes de Amor em Almourol confirmadas pelos achados das placas esmaltadas descritas por Garcez Teixeira.

Bibliografia: ANÓNIMO, *Versuch ueber den Ritterroman Palmeirim de Inglaterra*, Halle, 1883 [advoga prioridade portuguesa sobre versão espanhola]; ASENSIO, Eugenio, *El Palmeirim de Inglaterra: conjeturas y certezas*, in *Garcia de Orta*, n. especial (Lisboa, 1972); DIAZ DE BENJUMEA, Nicolas, *Discurso sobre el Palmeirim de Inglaterra y su verdadero autor*, in *Memórias da Academia*, 2ª classe, v. 4, parte 2 (1876); ETTORE, Finazzi-Agró, *A novelística portuguesa do sec. XVI*, Lisboa, 1978; FONSECA, Artur Lambert da, *O Palmeirim de Inglaterra I. O Castelo do Vale da Perdição*, Lisboa, Liv. Sampedro, [1964] Primeiro volume da recriação da obra de Francisco de Morais. Integrado na col. *Nosso Mundo / Aventuras na História* (n.9), destinada a leitores “a partir dos 11 anos”.; [BN: L 57561 P]; idem, *No castelo de Almourol* (continuação de *O Palmeirim de Inglaterra*), Lisboa, Liv. Sampedro, [1966] [BN: CG 7649 P] Continuação da recriação da obra de Francisco de Morais. Integrada na col. *Nosso Mundo / Aventuras na*

História (n.13), destinada a leitores “a partir dos 11 anos”; FREITAS, Jordão de, *Francisco de Moraes o “Palmeiririm”*: noticia bibliographica, in *Bibliothecas e Archivos Nacionaes* (1910); GANDRA, Manuel J., *O Projecto Templário e o Evangelho Português*, Lisboa, 2006; LEAL, Maria José Serpa Leote Gonçalves da Silva, *Uma impressão do Palmeirim de Oliva feita em Évora por Cristóvão de Burgos atribuída a Francisco del Campo*, in *XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, secção VII, Porto, 1962; MENDES, Manuel Odorico, *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu auctor, no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez*, Lisboa, Tip. do Panorama, 1860; MENENDEZ PELAYO, Marcelino, *Orígenes de la novela*, v. 1; PASCOAL DE GAYANGOS, in *Rev. Española de Madrid*, n. 2-3, 1862; PURSER, William E., *Palmeirin of England: some remarks on this romance and on the controversy concerning its authorship*, Londres, 1904; THOMAS, Henry, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry: the revival of the romance of chivalry in the Spanish Peninsula, and its extension and influence abroad*, Cambridge, 1920; THOMAS, Henry, *The Palmerin Romances*, in *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, Nova Iorque, 1969, p. 84-118; VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, *Palmeirim de Inglaterra*, in *Zeitschrift fur romanische Philologie*, VI (1882), p. 37-63 e 216-255

► MORAIS, Francisco de (?-1572)

Primaleon: libro que trata de los valerosos y esforçados hechos en armas de Primaleon, hijo del Emperador Palmeirim, y de su hermano Polendos e y de Don Duardos Principe de Inglaterra y de outros prec[...] dos caualleros dela Corte del Emperad[or] Palmeirim

Lisboa, Simão Lopes, 1598 [BN: Res 258 V]

Autoria provável, mas controversa. Uma versão seiscentista intitula-se: *Chronica de Primaleão Emperador de grécia: Primeira parte [...]* composta por Guilherme Frusto, Author Hibernio, e copiada por Simisberto Pachorro, emquanto esteve occupado, ou encantado no cume da Penha Riguroza da Serra da Lua, pello ódio do Sábio Bragamante [BN: cod. 12904]

► ORIENTE, Fernão Álvares do (ca. 1530-entre 1600 e 1607)

Lusitânia transformada

Lisboa, Luís Estupinã, 1607 [BN: Res. 135 P]

Armado cavaleiro em Ceuta (?), no ano de 1550, por D. Pedro de Meneses, a cuja família a sua vida e obra literária andarão sempre ligadas, ao ponto de dedicar a *Lusitânia Transformada* a D. Miguel Luís de Meneses, a quem chama seu mecenas (cf. fl. 162v). Cultivou as letras e as armas, tendo estado em Alcácer Quibir onde foi feito prisioneiro. A 1ª ed. da *Lusitânia Transformada* (Lisboa, 1607 [BN: Res. 2848 P]) saiu póstuma por iniciativa do livreiro Domingos Fernandes, tendo sido reimpressa e revista, “com um índice da sua linguagem”, por um sócio da Academia Real das Ciências (Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1781 [BN: L 15826 P]). O padre Joaquim de Foios preparou esta edição que suscitaria a reacção de outro sacerdote, o padre Francisco José da Serra, expressa em dois polémicos opúsculos: *Aos Estudiosos Portugueses* (Lisboa, 1782) e *Elisio e Serrano: diálogo em que se defende e illustra a Bibliotheca Lusitana contra a prefacção da Lusitania Transformada escripta por um Sócio da Academia Real das Sciências* (Lisboa, 1782, com uma dedicatória ao leitor sob o pseudónimo de Francisco José de Sales). O título da obra de Fernão Álvares do Oriente é obviamente alusivo a uma desqualificação da grei (“desconcerto do mundo”) cujos contornos se inferem do argumento. Este pode ser considerado uma espécie de acta dos importantes conclave iniciáticos ocorridos

em Tomar a partir de meados do séc XVI (após a reforma de frei António de Lisboa, ocorrida em 1529), na Mata dos Sete Montes, retratada nas adjacências do Convento de Cristo, com o característico da Arcádia. Nesse cenário bucólico se surpreendem furtivos e sob os auspícios da noite os passos daqueles que Faria e Sousa apelidou de *Nova Cavalaria* e Sampaio Bruno de *Cavaleiros do Amor* (anti-Roma). A literatura bucólica e pastoril portuguesa dos séculos XVI e XVII parece não constituir outra coisa senão o registo dos capítulos desses pastores e ovelheiros enamorados de Deus. Referências ao Nabão, a p. 37, 97, 149, 323, 459.

Bibliografia: CIRURGIÃO, António, *Fernão Álvares do Oriente: o homem e a obra*, Paris, FCGulbenkian, 1976; idem, *A Lusitânia Transformada ou a face não heróica dos Descobrimentos*, in *Claro-Escuro*, n. 6-7 (1984), p. 21-29; GANDRA, Manuel J., *O Projecto Templário e o Evangelho Português*, Lisboa, 2006; HATHERLY, Ana, *O Regresso ao Ocidente na Lusitânia Transformada*, in *Sentido que a Vida faz*, Lisboa, 1995, p. 233-239; MARTINS, Mário, *A Lusitânia transformada será um livro heterodoxo?*, in *Brotéria*, v. 38, n. 6 (1944), p. 605-616; PEREIRA, Paulo, *Passeio ao Nabão com o pastor Felício*, in *Jornal de Letras* (29 Dez. 1986); SAMPAIO (Bruno), José Pereira de, *Os Cavaleiros do Amor*, Lisboa, Guimarães, 1960

► SILVA, Feliciano da (atrib.)

Lisuarte de Grecia: Libro septimo de Amadis en el qual se tratã los grandes hechos en armas de Lisuarte de Grecia hijo de Esplandian. Y de los grandes hechos de Perion de Gaula. En el qual se hallara el estraño nascimiento del cauallero del ardente espada
Lisboa, Afonso Lopez, fim de Outubro de 1587 [BN: Res. 455 V]

► SILVA, Feliciano da

Choronica del muy valiente y esforçado Príncipe y Cauallero de la ardiente espada Amadis de Grécia, hijo de Lisuarte de Grécia, Emperador de Constantinopla, y de Trapisonda, y Rey de Rodas. Que tracta de los sus grandes hechos en Armas, y de los sus altos, y estraños Amores: Y es el noueno libro de Amadis de Gaula
Lisboa, Simão Lopes, 1596 [BPBraga]

► VASCONCELOS, Jorge Ferreira de

Memorial das proezas da segunda Tauola Redonda. Ao muyto alto e muyto poderoso Rey dõ Sebastião primeyro deste nome em Portugal, nosso senhor

Coimbra, Em Casa de João de Barreira, 12 Novembro 1567 [BN: Res 480 P]

Publicada sem referência ao nome do autor. Além do exemplar da BN, apenas são conhecidos em Portugal outros três (todos mutilados) e um no British Museum. Dom Lucidardos é filho de Tristan de Léonnois, um dos mais distintos cavaleiros da primeira Távola Redonda. A obra poderá ter sido primitivamente dedicada ao Príncipe D. João, pai de D. Sebastião, com o título de *Triumphos de Sagramor*, em que se tractam os maravilhosos feitos dos cavalleyros da segunda Tavola redonda (Coimbra, 1554), e depois da morte daquele dedicada a este com novo título e episódios suplementares. Espécie de tratado de ciência política, baseado na ética cavaleiresca para uso e consumo do bom Príncipe. O autor leu a tradução portuguesa da *Demanda do Santo Graal* (*Memorial*, p. 13) na biblioteca do Infante D. Duarte e, certamente, o *Amadis* na do 1º duque de Aveiro, D. João de Lencastre, de cuja casa foi criado e que o possuía manuscrito. Reedição: Lisboa, 1867.

Bibliografia: JORGE, Ricardo, *O nosso amorismo novelesco nos Quinhentos*, in *Rev. Fac. Letras Lisboa*, t. II (1935), p. 207-223; RUIZ DE CONDE, Justina, *El Amor y el matrimonio secreto en los libros de caballerias*, Madrid, 1948; MASSAUD, Moisés, *A Novela de Cavalaria no quinhentismo Português: o Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, S. Paulo, 1957; SUBIRATS, Jean, *Les sortilèges du Rêve Chevaleresque: propos sur Jorge Ferreira de Vasconcelos et son Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, in *História e Filosofia*, v. 5 (1986) (Homenagem ao Prof. J. S. da Silva Dias), p. 219-237.

ÓPERA e TEATRO

► BORDALO, José Maria († 1856)

A tomada de Santarém por D. Afonso Henriques ou o Captivo de Abzechri: drama em três actos e seis quadros prosa

Lisboa, Typ. de V. J. R. da Silva e Companhia, 1842, 147, [1] p. [BN: L 25591 P]

Portugueses que não falam: Lourenço Viegas, Cavaleiro; D. Pedro Pais, Alferes-mor do Reino; Cavaleiro do Templo; soldados e clarins. Nova edição em 1843 [BN: L 5740 P e L 25418 P].

► CAMPOS JÚNIOR, Joaquim Pereira de

Os Templários. Drama original histórico em 3 Actos e 5 Quadros

Lisboa, Imprensa Nacional, 1842, 76 p. [BN: L 5740 (5º) P]

A acção decorre no ano de 1320. Acomodação ao género dramático de *O Mestre Assassinado* de Alexandre Herculano, inserto no *Panorama* (v. 2, 1838), e em nada abonatória da qualificação de original alegada pelo plagiador. O caso fez correr alguma tinta, surgindo caricaturado por P. M. da Silva Costa na secção *Typos Nacionaes* da *Gazeta Literária de Lisboa* (nº 6-7 de 9 e 16 Novembro 1867: *O aspirante a Literato*). Consta que a Garrett foi solicitada opinião sobre a qualidade da obra, sendo-lhe sugerido que colocasse uma cruz onde notasse a existência de erros. Devolvida a peça sem uma única cruz, altamente lisonjeado, o novel dramaturgo terá inquirido: "Pois V. Exa. não achou nem sequer um erro?" Ao que o Visconde de Almeida Garrett respondeu: "Se eu fosse a pôr-lhe as cruces que precisava, fazia-lhe da peça um cemitério"! *O Ramalhete*, v. 5, n. 234 (18 Agosto 1842) dá a notícia da sua publicação e transcreve o parecer do censor.

► FELNER, Rodrigo José de Lima

Ver Albert e Fabrice Labrousse.

► GOUVEIA, José Carlos de

O Fantasma de Almourol. Drama lyrico em 3 actos

Lisboa, 1901

A acção desenrola-se durante as invasões napoleónicas. A abrir o primeiro acto intervém um coro de cavaleiros da Ordem de Cristo. Os franceses são derrotados em parte devido à aparição de um falso cavaleiro templário nas muralhas do castelo de Almourol. A circunstância é narrada por Eugénia e Lucinda na cena V: "Na sala de armas se encontrou num antiquíssimo sarcófago, conjuntamente com a bandeira da Ordem, esta armadura de cavaleiro templário, que teria sem dúvida sido outrora o paládio do castelo [...]. Havia também lá muita pólvora, que se julga ter aqui esquecido depois de armazenada pelo brigadeiro Borgoyne, por ordem do conde de Lippe, quando este quis fazer de Abrantes o centro das suas operações. Meu pai por precaução lentamente a foi conduzindo para o subterrâneo. estava húmida, mas ardia com lentidão; meu pai, quando todos os companheiros

de D. Luís tinham abandonado o castelo, espalhou-a pelos muros, torres, ameias e janelas, deixando muita na entrada da estrada secreta; e tendo-me colocado próximo à saída [...] quando os franceses atravessavam o rio, lançou fogo à pólvora, e surgiu connosco no píncaro dos rochedos, brandindo nós archotes improvisados, e ele na esquerda a bandeira do Templo e na direita a sua espada, que flamejava sobre o abismo!" (p. 154-155). Esta drama lírico foi ensaiado, no ano de 1907, pelo dramaturgo eborense, Marcolino Silva (cf. Gil do Monte, *Dicionário Histórico e Biográfico de Artistas Amadores e Técnicos radicados em Évora: M a Z*, Évora, 1976, p. 6).

► GOUVEIA, José Carlos de

Artur e Esther: drama em 3 actos

Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1902 [BN: L 59038 P]

Designadamente as p. 81-162.

► LABROUSSE, Albert e Fabrice (pseud. August Thiry)

Le Chevalier du Temple: drama en cinq actes représenté pour la première fois à l' Ambigu-Comique en 1838

Paris, chez Barba, Delloye et Bezon, 28 p.

Publicado na Coleção *La France dramatique au XIXe siècle*. Imitado por Rodrigo José de Lima Felner (1809-?) em *O Templário-Drama em 5 Actos* [BN: cod. 7069]. Inicia-se "em Avinhão na Era de 1282".

► LESSING, Gotthd Ephraim (1729-1781)

Nathan der Weise: ein Dramatisches Gedicht in fünf Aufzugen

1779

Contracenam um Templário (cristão), um Emir (maometano) e Nathan (judeu). O autor, fazendo-os irmãos de sangue, acaba por provar que as três religiões são irmãs. Tradução portuguesa de Aurora Teixeira de Castro e Gouveia (*Nathan, o Sábio: poema dramático em 5 actos*, Porto, Typ. de Arthur José de Souza, 1915 [BN: L 14121 P]).

► MARINI, Girolamo Maria

Il Templario: melodrama in tre atti da rappresentarsi nel gran teatro la Fenice nella Stazione di Carnovale e Quadragesina, 1840-1841

Venezia, Typ. G. Molinari, [1840], 32 p.

Girolamo Maria Marini foi autor do libreto, inspirado no *Ivanhoe* de Walter Scott. O enredo situa-se em Inglaterra no ano de 1194. Música de Otto Nicolai. Foi levado à cena nos Reais Teatros de S. Carlos de Lisboa, nos dias 18, 20, 27 e 30 de Maio, 3, 6, 10, 29 de Junho, 31 de Agosto, 16 e 30 de Setembro, 28 de Outubro, 30 de Novembro e 26 de Dezembro de 1842 (trad. port., Lisboa, Tip. do Gratis, 1842 [BN: L 25309 (13º) P]), e de S. João do Porto (Porto, Tip. de Gandra e Filhos, 1846 [BN: L 5578 P]). Ambas bilingues: italiano-português.

► NICOLAI, Otto (1810-1849)

Ver Girolamo Maria Marini.

► RAYNOUARD, Juste-Marie

Les Templiers: Tragédie représentée pour la première fois sur le théâtre français par les comédiens ordinaires de l'Empereur, le 24 floréal an XIII (14 Mai 1805), précédée d'un précis historique sur les Templiers

Paris, Giguet et Michaud, an XIII [1805], CXXXII-118 p. [BA: 55-1-18]

Outras edições: 1805, 1806, 1815 (seguida de um extracto da tragédia de Perez de Montalvan), 1823 (seguida dos *Monuments historiques relatifs à la condamnation des chevaliers de l'ordre du Temple et à l'abolition de leur Ordre*), 1824 (seguida de uma *Notice historique sur le sujet et sur la pièce*), 1826 (com uma *Notice historique sur la mort des Templiers*), etc.. Esta obra valeu ao autor a admissão na Academia Francesa, em 1807. Traduções: italiana de F. Salfi; alemãs de Ehrenfield Stoeber (Estrasburgo e Paris, 1805) e Carl Friedriech Cramer (Leipzig, 1806); holandesa de J. Kinker (Amesterdão, 1805); espanhola de D. Santiago Lopez (Madrid, 1813); portuguesa, sob o título *A Morte dos Templários ou As Fogueiras da Inquisição* (representada pela primeira vez no Teatro do Salitre, a 13 de Dezembro de 1822, por uma companhia francesa; in *Novo Almanaque de Lembranças*, 1878, p. 375-376, trad. Alfredo de Sousa Neto); fragmento in *Observador Portuguez* (1818), p. 111-112; *Filippe o Bello ou os cavalleiros do Templo*: tragédia em cinco actos de Mr. Raynouard (trad. livre J. J. V. A. J. N.), Porto, 1838.

► VICENTE, Gil (1465 ?-1536 ?)

Auto da Barca do Inferno

In *Copilaçam de todas as Obras de [...]*

Lisboa, João Álvares, 1562, fl. 43-49v

Encenado pela primeira vez em 1517. De todos os convocados, só o Parvo e os quatro cavaleiros da Ordem de Cristo mortos no ultramar acedem ao paraíso.

POESIA

► ALIGHIERI, Dante (1265-1321)

La Divina Commedia

Refere-se aos Templários no *Purgatório* (XX, 91-96), considerando que, ao destruí-los, Filipe, O Belo, foi movido pela cupidez e pela avareza. São clássicas as obras de Eugene Aroux, Ferjus Boissard e René Guénon, nas quais estes autores expõem as suas teses a respeito da filiação e mensagem templárias dos escritos de Dante. Foi assinalável a influência do florentino em Portugal registando-se na biblioteca do rei D. Duarte a existência de uma cópia iluminada deste poema.

Bibliografia: LEITÃO, Joaquim, *D. Denis de Portugal na Divina Comédia*, in *Bol. da 2ª Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, v. 20, 2ª parte, p. 441-454.

► ANÓNIMO

Os Frades: passacalles cantados pelas ruas de Tomar no século XVIII

In *Romanceiro Geral Português*, v. 2, Lisboa, 1907, p. 284

► BASTO, Evaristo José de Araújo (1821-1865)

Uma visita da Rainha de Portugal ao castello de Thomar: romance

Porto, Tip. de Faria Guimarães, 1845

Opúsculo anónimo, subtítulo *Óptimas memórias em versos péssimos*. Consta de 414 versos octossílabos, nos quais é descrita a visita que D. Maria II realizou a Tomar, no ano de 1843, a convite de António Bernardo da Costa Cabral (1803-1889). Costa Cabral foi natural de Fornos de Algodres, filho de gente pobre e humilde. Tendo completado em Coimbra o curso de Direito, essa circunstância permitir-lhe-ia os mais elevados voos na política e na sociedade da época. Exilou-se em Inglaterra por amor à liberdade, regressando ao reino com D. Pedro. Setembrista e revolucionário em 1836, seria, novamente, deputado em 1838 e Ministro da Justiça no ano seguinte. Em 1842 chegaria a ministro do Reino, tornando-se o homem forte da nação, até que a Revolução da Maria da Fonte o compeliu, em 1846, ao exílio. A ele são imputáveis a reforma do Código Administrativo, a renovação do municipalismo e a consolidação e modernização do ensino superior, entre outras medidas de excepcional alcance, sempre denegridas à direita e à esquerda no Parlamento e na rua, e de forma violentíssima e corrosiva. Voltaria a ser Primeiro ministro em 1849, e de novo derrubado pelo Marechal Saldanha, desta vez aliado de Alexandre Herculano. Tendo adquirido parte do Convento de Cristo transferiu a sua residência para Tomar, permanecendo aí longas temporadas, fazendo amigos e partidários. A elevação de Tomar a cidade a ele ficaria a dever-se. Foi grão-mestre da maçonaria (1841), no seio da qual adoptaria o nome de *Irmão Fénelon*, e embaixador junto da Santa Sé, conde de Tomar (1845), ministro e presidente do Conselho (1849-1851) e marquês de Tomar (1878). Cf. Vieira Guimarães, *Ordem de Cristo*, Lisboa, 1931, p. 408; Eduardo Neves, *A primeira visita da Senhora D. Maria II a Tomar*, in *AUAMOC*, v. 4 (Jun. 1963), p. 107; Francisco Cância, *Notas dum Ribatejano*, v. 1, 1956, p. 124 e 145 [BN: HG 8014 A]).

► CHAVES, José Manuel (1746-1821 ou 22)

Nova Esther em Portugal: Poema, que á rainha Santa Isabel, mulher do senhor rei D. Diniz, fundadora do ducado de Bragança, protectora do reino portuguez, primeira fundadora e commendadeira da respeitavel Ordem de Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador; defensora de Coimbra na funesta invasão dos francezes em 1808-1811; mãe dos pobres; madrinha dos afflictos; amparo dos desgraçados (cujo corpo certamente está inteiro no real convento de Sancta Clara de Coimbra ha 471 annos [...])

Lisboa, Imprensa Régia, 1819 [BN: L 3591-92 P]

Poema composto por 461 oitavas. Dedicava cinco versos aos Templários: "[...] Lá dos templários d' alta Grã Cidade / Jerosolima os bens que estava tendo / No Domínio Real por má vontade / A Ordem de Cristo stabelecendo / Todos lhe deu por sua piedade [...]".

► FONSECA, Gaspar Leitão da (1680-c. 1760)

La Isabel: a la Devoción de la Augustissima Señora D. Maria Anna de Austria, Reyna de Portugal, a cuya Magestad la dedica, por mano de su camarera Mayor, en Poema Mystico su author [...]

Lisboa Ocidental, Impr. de la Musica, 1731 [BN: L 3869 P]

Este tomarense que, tudo indicia, ainda era vivo em 1759, "preferiu [escreve Barbosa Machado] o ócio das Musas ao tumulto das causas forenses, ou fosse patrocinando-as ou decidindo-as, de cuja aplicação tem produzido a amenidade do seu engenho multiplicados frutos". De facto, são inúmeras as suas composições poéticas, umas impressas (em obras de outros autores) outras manuscritas (dispersas por bibliotecas e arquivos). Interessam a Tomar igualmente as notícias arqueológicas e históricas que remeteu à Academia Real da História Portuguesa da qual era Académico correspondente. Do poema castelhano em apreço, comemorativo da rainha Santa Isabel e composto por dez cantos endecassílabos, transcrevem-se alguns excertos dos *Romances* II e IX.

► GUERRA, Antónia

Tomar Lendário

Lisboa, Bertrand, 1934 [BN: L 26521 P]

► LEITÃO, António José de Lima (1787-1856)

O Templário: oferecido à Illma. Sra. D. Luisa da Costa Cabral [Condessa de Tomar] em 27 de Janeiro de 1846

Lisboa, Imprensa Nacional, 1846 [BPPorto: VII-4-102 e PC-11-35]

► LIMA, Sales

A lenda d'Almourol

in *Sonatinas: versos*

Porto, Magalhães e Moniz, 1913 [BN: L 13023 P]

Também in *Ilustração Portuguesa*, s. 2, n. 375 (28 Abr. 1913), p. 532.

► MAGALHÃES, Francisco Bernardino de Sá

O castello de Almourol: poesia

Lisboa, Imprensa Nacional, 1863 [BN: L 10888 (14º) P]

Poema romântico, em estrofes de versos octossílabos, fundado sobre a lenda popular do referido castelo. O castelão, Dom Ramiro é aqui cavaleiro de Afonso V, com quem esteve em Arzila. A partir desse episódio a lenda é desenvolvida na forma convencional.

► MOREIRA, Manuel de Sousa (16??-1722)

Theatro Historico, Genealogico y Panegyrico erigido a la inmortalidad de la Excelentissima Casa de Sousa. Dedicado al excelentissimo Señor Carlos Joseph de Ligne, Marques de Arronches, Senescal de Haynaut, Principe del S.R.I. del Consejo de Su Magestad, & c [...]

Paris, Empreinta Real por Juan Anisson, 1694 [BN: Res. 512 A]

Segundo Inocêncio esta obra foi composta "à instância e por diligência do Cardeal de Sousa [...] desejando eternizar as memórias dos seus antepassados [...]". A p. 411-496 inclui *Notícia histórica e panegírico de D. Lopo Dias de Sousa*, acompanhados por retrato aberto pelo gravador Giffart.

► P., S.

Epístola, seguida de outras poesias, composta em Thomar, em Maio de 1839, que ao seu Amigo, Manoel Joaquim de Oliveira Bastos Júnior, oferece [...]

Lisboa, Na Tipografia de C. A. da S. Carvalho, 1841 [BN: L 25685 P]

A *Epístola*, com inúmeras referências à história e aos monumentos tomarenses, ocupa as p. 5-88.

► PESSOA, Fernando

[*Quinto Império*]

In *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1965 (2ª ed.), p.

Poema dactilografado [BN: Esp. 16-6, 7, 8], datável de 1923-1935, cujo título é da responsabilidade da sua divulgadora. Saíu gralhado nas estâncias 3, 6, 20, 24, 26 e 31, omitindo a estância 10, circunstância rectificadada na ed. de 1981.

► RAPOSO, Ignácio

A tomada do Almourol

Rio de Janeiro, Companhia Brasil Editora, 1939 [BN: L 32914 P]

A acção regista o seu climax no Canto sétimo, *A marcha gloriosa*, o qual termina:

"[...] Acorda Almorolan!... D'jamil, desperta!... / Assan, desnuda a cimitarra, e voa / Em defesa do impávido Crescente / Porque já perto o Bauséant caminha!..."

MISCELÂNEA

► ANÓNIMO

El Rei Dom Diniz fez tudo quanto quiz

Expressão registada por Duarte Nunes de Leão (*Crónica do Rei D. Dinis*, in *Crónicas dos Reis de Portugal*). Uma versão mais desenvolvida acha-se in *As Mouras Encantadas* (Tavira, 1898, XX – *O Abismo dos Encantados*, p. 160) de Athayde de Oliveira: “Eu sou o rei D. Dinis / Serpa, Moura, Marvim fiz / Não fiz mais porque não quis. / Quem dinheiro tiver / Fará o que quiser”. No *Investigador Português* (v. 15, p. 34) faz-se referência a uma inscrição lapidar, com uma quadra de idêntica semântica: “Sou el Rei Dom Diniz, / Moura, Serpa, Beja fiz; / Quem dinheiro tiver / Fará o mais que quiser”. Teófilo Braga defende que a alusão ao dinheiro se entende “pela riqueza dos bens dos templários, que Dom Diniz hábil e politicamente soube conservar em Portugal” (cf. *Cancioneiro Popular Portuguez*, Lisboa, 1913, p. 374). Cf. *Arte de Furtar*, p. 342.

► ANÓNIMO

O Mistério dos Templários

In *O Século* (19??)

Folhetim ilustrado, reeditado in *Cadernos da Tradição*, a. 1, n. 1 (Lisboa, Hugin, Solstício de Verão, 2000), p. 15-18.

► LOURO e SIMÕES

A Herança dos Templários

Porto, Edições Asa, 1990-1992, 2 vols. [BN: P 10741 V]

Banda desenhada protagonizada pela dupla Roques e Folque.

► PÉON, Victor

A Grande Aventura dos Templários, contada e desenhada por [...]

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981

Trata-se do Boletim n. 6 do Serviço de Bibliotecas Itinerantes (Crianças). Inclui uma “Notícia histórica” por António Carlos Carvalho (p. 27-30).

► PIRES, Diogo

Carta de [...] a Paulo Jóvio (Fevereiro de 1547)

In Carlos Ascenso André, *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*, Coimbra, 1992, p. 164-174

Judeu de origem portuguesa, exilado em Dubrovnik, em consequência do édito de expulsão de D. Manuel. A determinado passo, e reportando-se à concessão pelo Papa da Inquisição a D. João III, escreve: “Mas ocorre neste ponto pasmar ante a enorme crueldade de alma daquele pontífice que, a um rei enfurecido [D. João III] contra um povo pacífico e inocente, prometeu aquilo que Clemente de Aquitânia [Clemente V], segundo julgo, quando governava em

Avinhão, com relutância concedeu a Filipe, o Belo, depois de ele lho reclamar, com insistência e há largo tempo, contra os templários. E eram tais nesse tempo as forças dos templários que os próprios reis as consideravam fora do comum; tropas, de facto, tão numerosas, o que os reis temiam em especial, que pareciam capazes de se bastar a si mesmas em qualquer guerra, por duradoura que fosse. Contam os que das coisas de França escrevem que da ruína dos templários enormes somas foram trazidas para o erário régio, com as quais o Belo alimentou numeroso exército na guerra de Inglaterra, por muito e largo tempo” (p. 167).

► PIRES, José / DESPAS, Benoit

La Prise de Santarem

Paris, Éditions du Lombard, 1990

Também in *HBD* [HelloBédé], n. 71 (Mai. 1991). Banda desenhada reproduzida in *Seleções BD*, s. 2., n. 23 (Set. 2000), p. 75-82: *A Conquista de Santarém*.

► ROSENZWEIG, Serge / DUFOSSÉ, Bernard

Le Secret des Templiers

Paris, Hachette, 1983

Banda desenhada, baseada no romance *homónimo* de Claude Voilier, protagonizada pelas personagens criadas por Enid Blyton (1897-1968). Tradução portuguesa: *Os Cinco e o Segredo dos Templários* (Lisboa, Editorial Notícias, 1984 [BN: P 7396 V]).

► SÃO BERNARDO

Sermo exortatorius ad milites

In *Obras Várias de S. Bernardo* [BN: Alc. 152 / LXX, fl. CXXVII-CXXXVIIIv]

Trata-se do célebre sermão *De laude novae militiae ad milites Templi*. Tradução portuguesa: *Livro para os Soldados do Templo: do Louvor da Nova Milícia*, por Carlos Eduardo Soveral (Lisboa, 1990 [BN: L 42896 V]), ed. de 110 exemplares, promovida por Filipe de Sousa, com uma carta-posfácio do tradutor ao editor (Março, 1990).